

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

MIRIAM CRISTINA FERREIRA GULIN

**UM OLHAR PARA A ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DO USO DAS TDIC NA BNCC**

MONOGRAFIA

CURITIBA
2020

MIRIAM CRISTINA FERREIRA GULIN

**UM OLHAR PARA A ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO
ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DO USO DAS TDIC NA BNCC**

Trabalho de Monografia apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Inovação e Tecnologias na Educação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Tarliz Liao

CURITIBA
2020



TERMO DE APROVAÇÃO

UM OLHAR PARA A ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DO USO DAS TDIC NA BNCC

por

MIRIAM CRISTINA FERREIRA GULIN

Esta monografia foi apresentada às 10h do dia 17 de abril de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Inovação e Tecnologia na Educação. A candidata foi arguida pela banca examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Dr. Tarliz Liao
Professor Orientador

Fabício Dias de Andrade
Membro titular

Marcia de Medeiros Aguiar
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida.

Às Irmãs Dominicanas de Monteils pela convivência e aprendizagens.

Ao Professor Orientador Dr. Tarliz Liao, pelo acolhimento e pela orientação.

À Secretaria do Curso de Especialização em Inovação e Tecnologias em Educação, por ser presente e me auxiliar na condução dos processos e das aprendizagens.

A todas as pessoas que fazem parte da minha vida e dessa dinâmica da vida, por meio da qual construímos aprendizagens diárias.

RESUMO

Ao longo das últimas décadas, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm alterando as formas de trabalhar, de se comunicar, de se relacionar e de aprender. Na educação, as TDIC vêm sendo incorporadas às práticas docentes não só como meio para promover aprendizagens, mas também para apoiar os professores na implementação de diferentes metodologias de ensino. Considerando esse contexto educacional, o presente trabalho, de natureza bibliográfica e qualitativa, tem como objetivo mapear a proposta de uso das TDIC na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mais especificamente no componente curricular de Língua Portuguesa no segmento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os referenciais teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa ancoram-se nos estudos sobre tecnologia e educação de Prensky (2012), Kenski (2003), Grispun (2001), Rüdiger (2013), entre outros. Para realizar o mapeamento da demanda de uso das TDIC na BNCC, elaboramos três critérios de análise, a saber: a) o uso de gêneros digitais; b) as práticas digitais acionadas; e, por fim, c) os dispositivos digitais que precisarão ser mobilizados na prática pedagógica proposta. Os resultados da análise revelam que as práticas propostas na BNCC contribuem para a ampliação das capacidades de uso da Língua e das linguagens pelos estudantes. Verificamos também a mobilização de textos verbo-viso-sonoros que demandam o uso de tecnologia digital. Por fim, a proposta de trabalho com a escrita ou a produção de texto aponta para práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, assim como se verifica a ênfase no uso de *softwares* de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais da informação e Comunicação (TDIC); Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Ensino de Língua Portuguesa; Uso de Tecnologias no Ensino.

ABSTRACT

Over the past few decades, Digital Information and Communication Technologies (TDIC) have been changing the ways to work, to communicate, to relate and learn. In education, TDIC has been incorporated into teaching practices not only to promote learning, but also to support teachers in the implementation of different teaching methodologies. Considering this educational context, the present work, of a bibliographic and qualitative nature, aims to map the proposal for the use of TDICs in the National Common Curriculum Base (BNCC), more specifically in the curricular component of Portuguese Language in the segment of the Early Years of Elementary School. The theoretical reference for the development of this research are anchored in studies on technology and education by Prensky (2012), Kenski (2003), Grispun (2001), Rüdiger (2013), among others. To map the demand for the use of TDIC in the BNCC, we elaborated three analysis criteria, namely: a) the use of digital genres; b) the digital practices triggered; and, finally, c) the digital devices that will need to be mobilized in the proposed pedagogical practice. The results of the analysis reveal that the practices proposed in the BNCC contribute to the expansion of language use capacities and languages by students. We also verified the mobilization of verb-viso-sonorous texts that demand the use of digital technology. Finally, the proposal to work with writing or text production points to language practices related to the interaction and authorship (individual or collective) of the written, oral and multisemiotic text, as well as the emphasis on the use of text, image and audio editing softwares to edit text produced on various media.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies (TDIC); National Common Curriculum Base (BNCC); Portuguese Language Teaching; Use of Technologies in Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anatel	–	Agência Nacional de Telecomunicações
BIOE	–	Banco Internacional de Objetos Educacionais
BNCC	–	Base Nacional Comum Curricular
CEB	–	Câmara de Educação Básica
CF/88	–	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
CNE	–	Conselho Nacional de Educação
DCN	–	Diretrizes Curriculares Nacionais
EF	–	Ensino Fundamental
LDB	–	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	–	Ministério da Educação
PNE	–	Plano Nacional da Educação
Proinfo	–	Programa Nacional de Informática na Educação
TDIC	–	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC	–	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	A BNCC E SEU IMPACTO NA PRODUÇÃO DO CURRÍCULO	18
2.2	AS TDIC NA BNCC	20
3	METODOLOGIA	24
4	ANÁLISE E RESULTADOS	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive de forma conectada, gerando mudanças no compartilhamento de informações, bem como nos modos de relacionamento entre os sujeitos (LEVY, 2008). Além disso, permite maior e mais rápidos avanços dos recursos tecnológicos. Nesse sentido, o desenvolvimento de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDIC) tem gerado, nessa dinâmica, transformações em várias atividades humanas e áreas do conhecimento. Nesse contexto, destaca-se a área educacional por apresentar grande potencial para a implantação e a geração de inovações. Ao acompanhar o avanço das TDIC e implementá-las conforme a dinamicidade do seu projeto de ensino, a escola amplia a reflexão sobre sua prática, pois:

[...] a escola deve integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação – TDIC porque elas estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (BELLONI, 2005, p.10).

A ampliação dos usos das TDIC no contexto escolar demanda novas reflexões, novos objetos de conhecimento e novas metodologias, pois os métodos tradicionais de ensino não dão conta das práticas mobilizadas no contexto digital.

Segundo estudiosos do uso das tecnologias em educação (MATTAR, 2010; KENSKI, 2012; CARVALHO; IVANOFF, 2014), os recursos digitais podem facilitar de várias maneiras os processos de ensino e aprendizagem. Em uma aula com uma metodologia basicamente expositiva, esses recursos são instrumentos capazes de colaborar com a prática do professor e com a aprendizagem dos estudantes por meio da pesquisa, da reflexão e da aplicação dos conceitos apresentados nas diversas experiências de ensino. Essa metodologia tende a criar um ambiente de conhecimento mais dinâmico e interativo para todos os envolvidos.

Nessa lógica, a tecnologia digital tem colaborado para uma mudança contínua no âmbito social, político, econômico e educacional. Igualmente, constatamos essa mudança no relacionamento interpessoal e na forma como exercemos a cidadania. Além disso, a tecnologia evidencia a importância de avaliar o modo como aprendemos e ensinamos. Nessa perspectiva, quando os

computadores chegaram às escolas, o objetivo era educar para o uso das tecnologias, atualmente, contudo, usa-se as tecnologias para educar. Assim, a tecnologia, no âmbito educacional, deixa de ser fim e torna-se meio para o processo de ensino e aprendizagem.

Hoje é praticamente impossível falar de ensino sem falar de tecnologia digital. Paulo Freire, em 1996, sugeria reorganizar a escola de acordo com os novos tempos, de maneira crítica e democrática, a fim de que as conquistas da inteligência humana fossem incorporadas a ela (FREIRE, 1997). Sendo assim, a leitura freiriana que podemos reler atualmente, é o de usar as tecnologias de forma crítica, criativa e útil para fazermos com elas aquilo que sem elas não seria possível (BARROS, 2011).

Nesse sentido, ser digital hodiernamente tornou-se imperativo, contudo, o presente trabalho propõe demonstrar que o uso das tecnologias, dos equipamentos ou dos recursos digitais apresentados pelo tempo precisa ser incorporado pelas práticas educacionais, pela vivências e pelas experiências dos estudantes, pois essa geração digital avança velozmente utilizando novas ferramentas digitais e linguagens e códigos diferentes.

As redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter*, os *blogs*, o *Google Docs* e outras ferramentas da *Web 2.0*, que possibilitam a interatividade dinâmica e síncrona, destacam-se como meios de comunicação habituais da sociedade moderna, passando a ter um papel acentuado no processo de comunicação e de construção em virtude do poder da interação imediata e do compartilhamento de ideias. A implantação da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), que traz em sua disposição conteúdos a serem desenvolvidos por meio da utilização das TDCI, evidencia a necessidade de uma revisão curricular a fim de atender a proposta.

Desse modo, a presente pesquisa investiga, à luz dos estudos sobre tecnologias digitais, o uso das TDCI, presentes na BNCC, na proposta de Língua Portuguesa. A investigação deste trabalho consiste em dialogar com as novas terminologias digitais que aparecem na proposta e como o uso desses recursos tecnológicos digital interfere na qualidade da produção de planejamento da escrita e da comunicação.

Para desenvolver tal objetivo, neste primeiro capítulo, também denominado de introdução, desenvolvo o conceito de tecnologia digital. Já no Capítulo 2, discute-

se a relação entre as tecnologias digitais e os processos de como perspectivar a articulação entre essa e a BNCC, o desenvolvimento curricular da disciplina de Língua Portuguesa e a utilização das TDIC.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Se considerarmos os diferentes contextos de circulação, o termo ‘tecnologia’ possui significados diversos. Conforme Houaiss e Villar (2009, p.1821), o vocábulo tecnologia pode ser definido como: 1) teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (p. ex., indústria, ciência *etc.*); 2) técnica ou conjunto de técnicas de um domínio particular; 3) qualquer técnica moderna e complexa.

Esses três significados têm relação com a origem da palavra que dá nome ao conceito que estamos estudando: “[...] as palavras técnica e tecnologia têm origem comum na palavra grega *techné* que considera muito mais em se alterar o mundo de forma prática do que compreendê-lo” (VERASZTO *et al.*, 2008, p. 61). A análise da palavra revela a junção da mesma palavra grega com a terminologia, que significa razão. Sendo assim: “[...] tecnologia significa a razão do saber fazer” (RODRIGUES, 2001 citado por VERASZTO *et al.*, 2008, p. 62).

Tal concepção não é única, pois há inúmeras visões sobre o que é tecnologia. É comum as pessoas imaginarem que a sua época é a que está passando pelo maior desenvolvimento tecnológico, sobre isso, Pinto (2005) argumenta que há certa ingenuidade, pois ao pensar que a tecnologia se originou em nosso tempo, desconsideramos o processo histórico que possibilitou os avanços que vivenciamos na contemporaneidade.

Contudo, o autor reconhece que o processo de desenvolvimento tecnológico se acelerou nas últimas décadas. Considerando as proposições de Pinto (2005), as ferramentas tecnológicas foram sendo aperfeiçoadas ao longo dos anos e, portanto, uma tecnologia mais antiga não é menos tecnologia do que uma mais recente, mesmo porque esta última só existe por haver uma versão anterior que lhe originou ou inspirou sua melhoria.

Cupani (2004) amplia essa ideia ao definir tecnologia como a capacidade do ser humano de planificar, operar, ajustar e monitorar equipamentos tecnológicos, ainda que não exclusivamente, mas com base em saberes científicos. Cupani (2004) esclarece, ainda, que não são apenas os detentores de conhecimento científico as pessoas aptas a desenvolverem tecnologia e a gerenciá-la, pois o saber vulgar transmitido de geração em geração e a experiência também podem gerar tecnologia.

Por outro lado, Grinspun (2001) comenta que a tecnologia é o conhecimento científico transformado em técnica, em outras palavras o saber gerador de um modo de intervir na natureza, uma técnica. Primeiramente, se planeja com a tecnologia, capacidade de elaborar um desenho ou projeto para construir um carro, por exemplo, e, depois, emprega-se a técnica para executar o que está no desenho e colocar em prática, ou seja, construir o veículo de fato. Vargas (1994), como Grinspun (2001), entende a técnica como resultado da tecnologia, pois, para o autor, a tecnologia refere-se à aplicação de teorias, métodos e processos científicos às técnicas.

Complementando essa defesa, Rüdiger (2013) pontua que quando a técnica se torna teórica, então, ela é tecnologia registrada e ensinada teoricamente. Rüdiger (2001) trata da tendência da época atual conhecida como “Era da Informação”, de explorar economicamente o saber, visto que este passa a depender da posse, do domínio para usar ferramentas digitais e do próprio artefato contribuir qualitativamente para o acesso e para a produção do saber no sentido de realmente ser útil para quem o utiliza.

Nesse sentido, Pinto (2005) destaca que o primeiro significado etimológico da palavra tecnologia é como teoria, ciência, estudo, discussão da técnica, enfim, os modos de se produzir alguma coisa. Nota-se, a partir das definições anteriores, que os termos *tecnologia* e *técnica* são próximos, diferindo-se pontualmente em um aspecto, pois é preciso compreender que a tecnologia é a teoria e, também, o fundamento científico da técnica – enquanto esta é a prática, ou seja, o ato de o ser humano controlar ou transformar a natureza, sendo, portanto, a técnica a execução da tecnologia desenvolvida.

Essa conclusão permite reafirmar que, para esta análise, o planejamento de um texto corresponde à tecnologia sobre como fazê-lo, já o texto, quando escrito, é o resultado da técnica de escrever executada. Assim é possível compreender que o artefato tecnológico é o produto da tecnologia, executado por meio da técnica.

Para Silva (2008), a tecnologia que uma sociedade desenvolve constitui parte de sua cultura. Ela não pode ser simplesmente transposta para outra sociedade. Precisa sempre ser reinventada em seu novo *habitat*, o que exige da cultura que a acolhe tanto o domínio dos conhecimentos básicos quanto das técnicas que circunscrevem esse artefato. Inúmeros outros fatores interferem nessa questão,

como a educação do povo, a economia do país e as condições de produção dessa tecnologia.

Nesse sentido, concordamos com Kenski (2003) quando argumenta que é preciso compreender a tecnologia para além de um mero suporte, pois ela altera sensivelmente a maneira como as pessoas interagem, pensarem, relacionarem-se umas com as outras e modifica também a forma de construir o conhecimento. Assim, as tecnologias “[...] criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (KENSKI, 2003, p. 24). Para tanto, precisamos “olhar” para as tecnologias como processo de ressignificação, pois “As mídias [...] invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus frequentes usuários não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de seu espaço de vida” (KENSKI, 2003, p. 25).

Se considerarmos a contribuição das TIC no processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, constatamos um contexto de mudança, tanto em relação à construção do currículo, quanto na forma de gerir os processos de letramento. Para Grispun (2001), ainda existe um caráter educacional e social na tecnologia como ciência que precisa ser explorado em prol de uma educação de qualidade que envolve um *saber-fazer* e um *fazer-saber-para-que*.

Considerando as reflexões levantadas até aqui, nesta pesquisa, assumimos a concepção de tecnologia para além de um mero suporte, mas como meio e prática produtora de uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

Se considerarmos que, na contemporaneidade, o uso de tecnologias permeia as atividades e práticas sociais, portanto os processos educacionais, cada vez mais, contemplam essa realidade. Como direito social garantido no artigo 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/88), a educação é competência do Estado, o qual deve proporcionar meios de acesso à educação (BRASIL, 1988). Sendo assim, o governo é responsável por instituir programas que garantam esse direito e que contribuam para o desenvolvimento dos estudantes.

O incentivo ao uso de tecnologias nas escolas também se constitui em um direito, pois contribui para “[...] melhorar a qualidade do processo de ensino aprendizagem” (MORAES, 1997 citado por BANILLA, 2010, p. 44). Inclusive, esse objetivo faz parte do Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo), criado em abril de 1997.

Apesar de seu lançamento no final do século XX, um dos principais objetivos do Proinfo só foi viabilizado em 2008, quando outra política, o Programa Banda Larga nas Escolas, foi criado pelo mesmo Ministério da Educação (MEC). Esse novo programa foi composto em parceria com empresas de telefonia e com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e tinha como objetivo “[...] conectar 56 mil escolas da rede pública urbana do país até 2013 e oferecer gratuitamente o acesso, atualizando periodicamente a velocidade até 2025” (BANILLA, 2010, p. 47).

Cabe ressaltar que essa política pública não é destinada apenas aos estudantes, mas também aos professores. Junto dela foram lançados outros instrumentos, como o Portal do Professor e o Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE), os quais servem para qualificar a formação dos professores e fornecer recursos para que possam qualificar o processo de ensino e aprendizagem, como prevê o Proinfo.

Esse tipo de objetivo – de uso da tecnologia para aprimoramento do processo de educação e de aprendizagem – também faz parte do Programa Nacional de Educação (PNE) que busca o “[...] desenvolvimento de tecnologias educacionais e de inovação da prática pedagógica, bem como a seleção e divulgação de tecnologias que sejam capazes de alfabetizar e de favorecer a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos alunos” (MEC, 2014, p. 27).

2.1 AS TDIC NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Há uma preocupação com o ensino de qualidade mais do que com a educação de qualidade. Ensino e educação são conceitos diferentes. No ensino organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os estudantes a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática etc.). Enquanto na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, logo, a ter uma visão de totalidade. “Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos” (MORAN citado por MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2000, p. 12).

Esta citação é essencial para compreender o uso das tecnologias de forma adequada na educação. Devemos, portanto, lembrar que definimos tecnologia

como algo que resolve problemas e facilita nossa vida. Nesse contexto, as novas tecnologias são ferramentas que auxiliam os professores na ação de educar e ensinar.

O processo de ensinar e educar é feito por pessoas de diferentes idades e maturidades, além de realidades sociais e experiências diversas. Não é possível imaginar que um professor do Ensino Fundamental (doravante EF), por exemplo, terá um mesmo perfil de turma, ano após ano, como se os estudantes viessem de uma fábrica com configurações similares. Independentemente da comunidade na qual esse estudante está inserido, as diferenças existirão e os desafios para lidar com eles também.

Não podemos, por exemplo, assumir que em todas as cidades brasileiras as condições quanto ao acesso à tecnologia serão as mesmas. Embora existam programas e políticas públicas federais que incentivem a inclusão digital das escolas, sabemos que em uma escola de São Paulo a realidade pode ser totalmente diferente de outra no estado do Paraná ou qualquer outro município brasileiro, quer este seja uma capital de estado ou do interior, do sertão, do litoral, da zona urbana ou rural *etc.*

Essa realidade revela que, para alcançarmos uma educação de qualidade, não podemos olhar apenas para a sala de aula ou para o professor em frente aos alunos, mas para um conjunto bem maior. Esse conjunto, contudo, deve cada vez mais considerar as novas tecnologias, as quais estão aí para aprimorar a forma como é desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, ao discutimos a formação do docente, entendemos que o professor, com acesso a tecnologias, pode se tornar um orientador/gestor do processo de aprendizagem, articulando, de forma equilibrada, a orientação intelectual, a emocional e a gerencial (MORAN citado por MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2000).

A educação, hoje, envolve o confronto simultâneo entre questões psicológicas, sociais, econômicas e culturais, tendo em vista a busca das formas de liberdade, solidariedade e justiça. Soma-se a isso o papel constitutivo da cultura em todos os aspectos da vida social.

Nessa lógica, o MEC define como função do EF a formação de cidadãos (BRASIL, 1996). Isso implica educar para a democracia, integrando as práticas pedagógicas cotidianas às novas tecnologias e à pluralidade de linguagens que

constituem o mundo. Assim, não se pode desvincular a formação das crianças e dos jovens da singularidade, da autonomia, da liberdade e da capacidade de intervir socialmente.

Esses diferentes contextos implicam uma prática que dialoga com os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Freire (2003) argumenta que o diálogo é um ato de valentia, humildade e liberdade, pois:

[...] a existência, porque humana, não pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos problematizantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2003, p. 78).

Nesse contexto educacional, o segmento do EF, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, e atende estudantes entre 6 e 14 anos, logo, trabalha com crianças e adolescentes, os quais, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros.

Essas crianças e adolescentes estão circundadas por um contexto tecnológico que permeia o seu cotidiano. O espaço escolar, contudo, enfrenta dificuldades para acompanhar tais mudanças, tanto em aspectos físicos, quanto na formação continuada de seus educadores. Entretanto, a BNCC, como documento parametrizador, define percursos, competências, habilidades e objetos de conhecimento que apontam para a mudança, evidenciando que o foco não deve estar na tecnologia, mas no fato de as TDIC¹ terem criado possibilidades de expressão e comunicação que podem contribuir para o desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas.

Exemplos dessas novas possibilidades são a capacidade de animar objetos na tela, recurso essencial para complementar ou mesmo substituir muitas atividades que foram desenvolvidas para o lápis e o papel. Isso implica a mobilização de multiletramentos que envolvem práticas verbo-viso-sonoras.

Os caminhos possíveis são inúmeros, mas o caminho que interessa consiste na implantação da aprendizagem ativa e na criação de ambientes de aprendizagem

¹ É importante ressaltar que a BNCC traz como foco as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e nós, neste estudo, optamos por focar apenas nas TDIC.

que promovam a construção de conhecimento e permitam a integração das TDIC nas atividades curriculares. O estudante assume uma postura mais participativa, a partir da qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isso, cria oportunidades para a construção do conhecimento.

É preciso ponderar que a tecnologia não resolverá todos os problemas que a escola enfrenta, por isso, a escola tende a mesclar atividades *on-line* e presenciais, em uma dinâmica gradativa, pois muitos professores ainda encontram dificuldade no trabalho *on-line*. Por isso, é preciso ter cuidado para que a tecnologia não crie apenas uma versão digital de práticas pedagógicas tradicionais. Não é uma mera substituição, mas uma oportunidade para refletir e conscientizar-se acerca da importância de novas práticas e abordagens, mais disruptivas, que possam trazer a educação para o século XXI.

No contexto contemporâneo, as TDIC são onipresentes em diversos aspectos na maneira como acessamos conhecimento, buscamos e trocamos informações, na comunicação com outras pessoas, nos sistemas de saúde, transporte, produção de bens e serviços, entre outros.

Por isso, é coerente que a escola explore/trabalhe com conceitos, mecanismos e implicações dessas áreas, de forma que crianças e jovens possam atuar criticamente enquanto cidadãos do século XXI.

Inserida nessa discussão, a BNCC aponta que a Educação Básica brasileira deve promover a formação e o desenvolvimento humano global dos estudantes. Isso significa orientar-se por uma concepção de educação integral e envolve a responsabilidade de ampliar a capacidade de lidar com pensamento crítico, a criatividade, a sensibilidade cultural, a diversidade, entre outros aspectos importantes para a vida no século XXI.

A sociedade do conhecimento é caracterizada pela presença de TDICs na vida das pessoas. Sendo assim, a cultura digital modifica nossas ações, relações e modos de pensar devido a: comunicação em tempo real; aprendizagem ao longo da vida e em qualquer espaço e tempo; interlocuções com pessoas de concepções e ideias diferentes – cada novo nó que acessa a rede adiciona singularidades ao universal, constituindo o universal sem totalidade (LÉVY, 1999); informação crescente de forma exponencial e em permanente produção, pois qualquer pessoa com acesso à rede se torna um potencial autor. Na discussão proposta por Lévy (1999), a cibercultura modifica nossa forma de pensar, bem como as relações entre

as pessoas e das pessoas com o mundo, portanto, as TDIC alteram não só a maneira pela qual enxergamos o mundo, mas também a forma como lidamos com a informação, o conhecimento e as práticas educativas.

[...]como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transição de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 2005, p.172).

Dentro desse contexto, a educação poderá ter seus processos dinamizados e inseridos na virtualização do saber, a qual foge aos moldes tradicionais de estrutura e conteúdo e apresenta formas inovadoras de produção de conhecimentos. No entanto, cabe destacar que a simples disponibilidade da tecnologia não garante sua utilização otimizada dentro de um processo pedagógico.

2.1 A BNCC E SEU IMPACTO NA PRODUÇÃO DO CURRÍCULO

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no ano de 1996, foram ampliadas as discussões sobre a criação de um documento que normatizasse os processos de ensino e aprendizagem no Brasil e norteasse os currículos da Educação Básica. Desde então, alguns documentos-referenciais foram criados com esse propósito, contribuindo para a promoção de uma educação voltada para a formação cidadã e para a valorização da diversidade étnica e cultural de nosso país.

Do mesmo modo, no ano de 2013, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) Gerais para a Educação Básica, com o objetivo de garantir a diversidade nos projetos políticos pedagógicos das escolas por meio de sistemas educacionais inclusivos que contemplassem a educação escolar no campo, a educação ambiental, a educação especial, a educação escolar indígena e quilombola, a educação para as relações étnico-raciais e a educação em direitos humanos.

De acordo com o documento:

Um dos desafios posto pela contemporaneidade às políticas educacionais é o de garantir, contextualizadamente, o direito humano universal, social inalienável à educação. O direito universal deve ser analisado isoladamente em estreita relação com os outros direitos, especialmente, dos direitos civis e políticos e dos direitos de caráter subjetivo, sobre os quais a educação incide decisivamente (BRASIL, 2013, p. 7).

Com vistas a dar continuidade a essas políticas e estabelecê-las em um documento norteador para a Educação Básica de todo o país, em 2017, foi homologada a BNCC para a Educação Infantil e para o EF.

A BNCC, homologada em dezembro de 2017, constitui um documento de caráter normativo, que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes precisarão desenvolver ao longo das etapas e das modalidades da educação básica em todo o território brasileiro, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o PNE (BRASIL, 2018).

Além de estipular o que deve ser aprendido a cada ano para cada campo do conhecimento, o documento da BNCC estabelece dez habilidades gerais que devem ser desenvolvidas ao longo da vida escolar do estudante. É o desenvolvimento das 10 (dez) competências que irão se articular na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores dos estudantes do Ensino Básico.

Nesse sentido, as novas relações de aprendizagem, estabelecidas por meio da tecnologia, ganham espaço expressivo em duas entre dez delas. Enquanto uma afirma que o digital é uma das linguagens a serem utilizadas, a outra foca no aprofundamento de seu uso com senso crítico.

Nessa lógica, considerando o uso dos meios digitais hoje, esses dois itens são, na verdade, apenas o reflexo de uma realidade a qual o sistema de ensino precisa se adaptar. A tecnologia não é, de forma alguma, novidade para os estudantes da Geração Z, nascidos entre 1995 e 2010, presentes hoje nas salas de aula.

As aprendizagens essenciais defendidas na BNCC dizem respeito a habilidades e competências que se esperam que os alunos desenvolvam ao longo dos anos escolares. No entanto, elas não determinam o currículo que as instituições de ensino devem seguir, uma vez que, em razão da grande diversidade sociocultural do Brasil, cada realidade demanda um currículo específico.

Na BNCC, o segmento do Ensino Fundamental está organizado em cinco áreas do conhecimento. Essas áreas, como bem aponta o parecer CNE/CEB nº11/201025 “[...] favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2010). Elas se intersectam na formação dos estudantes, embora se preservem as especificidades e os saberes próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes.

Cada área de conhecimento explicita seu papel na formação integral dos estudantes do EF e destaca particularidades para os Anos Iniciais e para os Anos Finais, considerando tanto as especificidades quanto as demandas pedagógicas dessas fases da escolarização.

As diferentes áreas estabelecem competências específicas para serem exploradas ao longo dos nove anos de ensino. Com a homologação da BNCC pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), desde os Anos Iniciais, os componentes curriculares se organizam em torno das grandes áreas do conhecimento, a saber: Linguagens (Arte, Educação Física, Língua Portuguesa e Língua Inglesa); Matemática; Ciências da Natureza; e Ciências Humanas (História e Geografia). Essa articulação em torno de competências da área específica de cada disciplina possibilita que a escola desenvolva um trabalho interdisciplinar e mais integrado.

2.2 AS TDIC NA BNCC

Hoje a BNCC propõe duas competências específicas para o desenvolvimento de habilidades que envolvem a tecnologia. São elas:

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), **corporal, visual, sonora e digital** –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, **grifo do autor**).

O digital aparece como uma das diferentes linguagens que necessita ser utilizada de forma híbrida a outras formas de comunicação. A competência relembra a importância de uma experiência mais completa por meio de diferentes formatos de expressão e plataformas. Hoje o ensino possui um foco maior na leitura e na escrita, enquanto há tantas outras necessidades a se pensar.

Fica claro o quanto o digital não vem para substituir por completo a forma de se comunicar dos estudantes. É preciso que eles encontrem uma maneira de absorver e sintetizar o conhecimento pelas diferentes linguagens, incluindo aquelas que são pouco exploradas, como a corporal, porém com propósitos definidos de aplicação prática. Cabe ressaltar que o digital, com certeza, representa uma dessas linguagens, contudo, não é a única.

Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, **grifo do autor**).

Já a quinta competência, a qual se segue à anterior, foca na tecnologia digital de maneira mais específica. Ao entender sua abrangência e inevitabilidade nas mais diversas circunstâncias, o item apresenta um objetivo de seu uso acompanhado de entendimento e responsabilidade.

Afinal, por maior que seja o senso de interatividade aparente, desenvolver o próprio protagonismo e não só daquilo que chega, como do que é assimilado e transformado, é um dos grandes dilemas em uma era de excesso de informações e fontes tendenciosas que se apoiam no conceito de viralização.

Em essência, os dois itens têm forte ligação com as novas maneiras de se assimilar informação e se expressar com objetivos que impactem não só a realidade individual como a coletiva. Isso porque ao pensar que a tecnologia possui uma cultura fortemente atrelada à internet e às interações em rede, as consequências do seu bom e/ou mal-uso são facilmente amplificadas, o que reforça ainda mais a urgência da temática pelo viés do senso crítico que apresentam as duas competências da BNCC.

O que não se pode confundir é o recurso com a metodologia de ensino e o próprio entendimento de uso que é reforçado pela BNCC. O recurso é primordial, mas não vale por si só. Salas com os melhores equipamentos não garantirão a efetividade de um uso reflexivo, caso não existam professores qualificados para tal ensino, assim como metodologias que reforcem determinadas habilidades.

Em última instância também se discute o uso livre da internet em função de pesquisas e estudos. O próprio modelo autodidata de pesquisa que a internet

estimula abre espaço para a discussão do uso do celular em sala de aula de forma mais independente por parte dos estudantes. Em um mundo de constante transformações, novidades também surgem a todo momento e precisam ser adaptadas conforme as necessidades.

De acordo com o especialista em educação e tecnologia, Prensky (2012), existem duas formas de envolver a tecnologia no setor, uma “trivial” e outra “poderosa”. O modo trivial, não entendido como desimportante, refere-se a fazer algo que sempre foi feito, mas de outra forma, por exemplo, antes os seres humanos se comunicavam por cartas, hoje por e-mail. Já a forma poderosa é aquela dedicada a coisas que impossíveis de serem feitas antes, como, por exemplo, as chamadas de voz por IP (VoIP), tweets, inteligência artificial, jogos, robótica *etc.*

Tanto os recursos quanto as metodologias devem ser guiados por propósitos de aprendizagem, justamente os pontos trazidos pela BNCC. Afinal, a capacidade reflexiva por parte dos estudantes é o que fundamenta o uso das tecnologias com coerência.

Aqui vale o reforço de que os impactos da comunicação digital se expandem para a vida pessoal e profissional, muito além das salas de aula. O modo, como os estudantes de hoje enxergam essas relações, com certeza, terá consequências mais profundas em hábitos que hoje são muito mais espontâneos do que guiados.

Os propósitos apresentados pela BNCC quanto à tecnologia, apesar de não representarem nenhuma regra definitiva para os currículos, funcionam como norte de atuação por meio das competências.

Sendo assim, é importante entender que as tecnologias digitais precisam fazer parte do ensino como parte integrante de uma cultura digital, não apenas enquanto aparelhos e funções, mas como meios para um desenvolvimento mais ativo e relevante de criação e comunicação na sociedade atual.

As TDIC, não mobilizadas diretamente na BNCC, mas como parte do pacote entendido como TDIC), são mais um recurso de interação com o cotidiano ou como parte do contexto de vida dos estudantes. Para os Anos Iniciais do EF, o texto trata da tecnologia como fonte de estímulo da curiosidade.

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais e de fazer uso destas tecnologias de informação e comunicação para a ampliação da capacidade de compreensão de si mesmos, do mundo

natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2018, p. 54).

Para os Anos Finais, a BNCC ressalta o avanço e a multiplicação das TDIC e do crescente acesso a elas por intermédio da maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins. O documento evidencia que os jovens, nessa faixa etária de escolarização, não são apenas consumidores, pois estão dinamicamente inseridos nessa cultura, logo são protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil (BRASIL, 2018).

No documento não há qualquer menção ou referência à inclusão digital. As diversas tecnologias são mobilizadas de forma integrada com os modos de vida da sociedade atual; são parte integrante do mundo social em que vivemos e as crianças já nascem nele. Nesse sentido, a BNCC entende que não se pode mais falar em inclusão, uma vez que a tecnologia está intrínseca na cultura e contexto de vida das crianças e jovens da atualidade.

Nessa perspectiva, as tecnologias permeiam toda a BNCC, sendo citada em diferentes circunstâncias e de variadas formas, como, por exemplo, recurso didático (instrumento para aprender); diferentes linguagens (novas tecnologias: a digital, de comunicação e informação); objeto de conhecimento (Ex.: Arte – Arte e tecnologia, Educação Física – Jogos Eletrônicos, História – O mundo da Tecnologia); área do conhecimento (Língua Inglesa – práticas de leitura e novas tecnologias) etc.

A análise do documento evidencia a necessidade imprescindível de que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e de manipulação), educando para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode, na perspectiva do documento, instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes.

3 METODOLOGIA

Para Lima e Mioto (2007, p. 39), “[...]o processo de pesquisa se caracteriza como uma atividade científica básica, que através da indagação e (re)construção da realidade, fomenta a atividade de ensino e a renova frente à realidade”. Assim, pesquisar é um ato ou uma consequência de estudar, de levantar dados, bem como de um momento de busca pelo conhecimento, por meio do qual são estabelecidos novos princípios relativos a qualquer campo do conhecimento, com a finalidade de contribuir para a formação de uma consciência crítica.

Entendemos por pesquisa, a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É ela que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento à ação. Logo, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (MINAYO, 2004), pois, por mais abstrata que possa parecer, a pesquisa tem a função de interpretar o que vivemos, assim como esclarecer o rumo do estudo.

Nessa perspectiva, este trabalho, de natureza bibliográfica e qualitativa, objetiva mapear a proposta de uso das TDIC na BNCC, para tanto, realizamos a busca por publicações que sustentassem nossa análise. Nesse viés, cabe ressaltar que, para Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado como, por exemplo, material impresso e digital como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, fontes deste estudo.

Ademais, este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, pois utiliza métodos de investigação de base interpretativista, ao buscar interpretar fenômenos e descrever significados por meio de análise indutiva. O objetivo é descrever, compreender e explicar as relações entre o global e o local em determinado fenômeno, respeitando o caráter interativo dos objetivos buscados, suas orientações teóricas e seus dados empíricos (MINAYO, 2001).

“A pesquisa qualitativa não se baseia em um único conceito teórico e metodológico unificado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos caracterizam as discussões e a prática da pesquisa” (FLICK, 2009, p. 25).

De acordo com Chizzotti (2006, p. 79), a abordagem qualitativa parte do princípio “[...] de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o

mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” Nas pesquisas qualitativas, a experiência científica extrapola a coleta de dados, e os objetos, além do pesquisador, não são neutros; fazem parte do processo de construção de conhecimento (CHIZZOTTI, 2006).

O *corpus* de uma pesquisa, de acordo com Barthes (2012, p. 120), “[...] é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar”. A partir dessa concepção, delimitou-se como *corpus* de pesquisa a BNCC, documento parametrizador, a qual destaca conhecimentos essenciais aos estudantes da Educação Básica, previstos em lei. Cabe destacar que a BNCC deve ser obrigatoriamente observada na elaboração e implantação do currículo escolar.

Para a análise do uso das TDIC do estudo propôs-se três critérios de análise, a saber: a) uso de gêneros digitais; b) práticas digitais acionadas; c) os dispositivos digitais que precisarão ser mobilizados na prática proposta.

Os elementos para a composição desses critérios de análise refletem o arcabouço teórico mobilizado no referencial teórico em diálogo com a BNCC. Assim, em relação ao primeiro critério – o uso de gêneros digitais – entendemos os gêneros textuais como “[...] produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (BRONCKART, 2012, p. 72).

Nessa concepção, é preciso considerar que, com o advento da Internet, novas tecnologias mudaram nossa relação com os meios de comunicação; com isso, surgiram novos gêneros textuais, dentre eles os chamados gêneros digitais, que apontam para novas formas de interação entre indivíduos. Marcuschi (2008) afirma que mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica digital. Contudo, na escola, persiste a abordagem de gêneros escolarizados, marcados pela tradição escolar.

Relacionados ao evidente progresso tecnológico, “novos” gêneros textuais vão surgindo, adequando-se e evoluindo por meio de diversos ambientes linguísticos, tornando-se, assim, pré-requisitos para a compreensão dos processos de interação. Com o uso frequente do computador e da Internet, grande parte dessa interação é praticada via comunicação virtual, o que provoca o aparecimento de outros gêneros como o *blog*.

Levando em conta o fascínio causado pelas mídias e gêneros digitais sobre os estudantes, consideramos esses gêneros como uma das ferramentas auxiliares nas práticas em sala de aula, assim como entendemos que sua apropriação contribui para uma efetiva participação na sociedade. O trabalho, sob esse viés, dá oportunidade aos estudantes de desenvolverem novas práticas de leitura e escrita, conhecer novos gêneros pertencentes à mídia digital e ampliar a capacidade de interagir com o meio social por meio desses instrumentos de comunicação, fazendo, assim, novas descobertas e aprendizagens na escola.

Em relação às práticas digitais acionadas em sala de aula, que envolvem a leitura e a produção – nosso segundo critério de análise -, precisamos considerar as estratégias e metodologias que serão acionadas para a exploração das práticas sociais propostas, assim como os dispositivos envolvidos, pois de acordo com o dispositivo e suporte, algumas ações didáticas serão desenvolvidas e outras não. Nesse caso, os professores podem e devem explorar metodologias que integrem a tecnologia ao ensino, tornando essa tecnologia meio para o desenvolvimento das aprendizagens.

No que diz respeito ao terceiro critério de análise – a mobilização dos dispositivos digitais nas práticas propostas –, retomamos que a tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem. Imagem, som, texto, ou a convergência de todos eles, os quais aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital, na linguagem que conhecemos (imagem fixa ou em movimento, som, texto verbal), são lidos por dispositivos variados, os quais podemos chamar genericamente, de computadores. Assim, a estrutura que está dando suporte a essa linguagem está no interior dos aparelhos e é resultado de programações que não vemos. Nesse sentido, *tablets* e celulares são microcomputadores e são exemplos de dispositivos digitais necessários às práticas propostas.

Na maioria das escolas, os sistemas acadêmicos de frequência e notas já são, em grande medida, digitais, o que alterou os tempos e os modos de trabalho. Parte dos materiais de que dispomos para planejar e ministrar nossas aulas pode ser pautado em tecnologia digital, assim como muitos dos meios dos quais dispomos para interagir com nossos estudantes. No entanto, considerar a tecnologia digital exige que incorporemos essa cultura aos materiais e às práticas cotidianas, seja por meio de registros imagéticos e verbais, seja usando jogos para

aprender ou lendo e escrevendo em dispositivos digitais, como teclado de grandes computadores ou de um celular. Além disso, implica saber que crianças que já nasceram inseridas nessa cultura – conhecidas como nativas digitais – passam a pensar e agir com esses dispositivos, quer a escola queira ou não.

Desse modo, é importante salientar que os critérios elencados não esgotam todas as possibilidades existentes para a análise, mas propiciam uma reflexão sobre o uso e as práticas propostas pela BNCC.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

A proposta da BNCC para o componente curricular de Língua Portuguesa aponta para uma abordagem com foco em experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica dos estudantes nas diversas práticas sociais.

As práticas de linguagem contemporâneas, conforme o documento da BNCC (BRASIL, 2018), não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, configurar, disponibilizar, replicar e interagir no mundo.

As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos e vídeos tornam acessíveis, a qualquer um, a produção e a disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e em outros ambientes da *Web*. Ademais, não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas, livros digitais *etc.*

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), depois de ler um livro de literatura ou de assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho. Além disso, podemos produzir lista de reprodução, *vlogs* e vídeo-minuto; escrever *fanfics*; produzir *e-zines*; tornar-nos um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades de ação.

Verifica-se, nessa abordagem da BNCC, a demanda de não apenas estar em contato com esses gêneros, mais do que isso, é preciso saber usá-los de forma significativa e responsável. Portanto, não basta apenas estar em contato com a linguagem contemporânea, mas é necessário saber transitar por todas elas nas dimensões ética, estética e política desse uso, assim como lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na *Web*.

A demanda posta com essa nova legislação para a escola é contemplar, de forma crítica, essas novas produções práticas de linguagem e edição. Nessa abordagem, de acordo com o documento da BNCC (BRASIL, 2018), coube aos Anos Iniciais do EF refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e o direito de expressão do outro, bem como explorar os novos letramentos digitais. Para tanto, propõe-se o uso de *software* para o desenvolvimento de pesquisas, edição,

diagramação e formatação, além da ilustração; tal abordagem sempre materializada em textos que representam a diversidade dos gêneros digitais.

Essa proposta se inicia já no 1º ano dos Anos Iniciais, com o suporte do professor, e vai se ampliando ano a ano. Conforme a BNCC (BRASIL, 2018), ao encerrar os Anos Iniciais do EF, o estudante terá se apropriado não só de aspectos teórico-conceituais, mas também poderá criar e produzir análise e reflexões críticas, expressando seus conhecimentos e realizando o domínio de modos de significação nas diferentes linguagens.

Para a BNCC (BRASIL, 2018), os multiletramentos e as práticas da cultura digital previstos no currículo promovem uma participação efetiva e crítica nas práticas de linguagem por parte do estudante favorecendo assim que ele se torne mais do que um usuário da língua/das linguagens, logo, que ele se torne um designer, ou seja, alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos) mescla, remixa, transforma, redistribua ao produzir novos sentidos.

Assim, o texto da BNCC contempla a cultura digital, suas diferentes linguagens e letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. No Quadro Mapeamento do Uso das TDIC na BNCC, a seguir, listamos, a partir dos critérios elaborados pela pesquisadora para a realização desta análise e descritos na seção de Metodologia, mapeamos o uso das TDIC na BNCC:

Quadro 1 – Mapeamento do uso de TDIC na BNCC

MAPEAMENTO DO USO DE TDIC NA BNCC			
EF – Anos Iniciais	Gêneros digitais acionados na BNCC	Prática digital acionada	Dispositivos digitais necessários
1º ano	- Fotolegendas de notícias; - Álbum de fotos digitais; - Leitura em meios digitais.	- Utilizar <i>software</i> para edição, publicação, formatação, diagramação e ilustração. - Produzir textos em meios digitais	- Computador; - Software; - <i>Tablets</i> - Câmeras digitais; - <i>Smartphone</i> .

<p>2º ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jornal falado (digital); - Fotolegendas em notícias; - Álbum de fotos noticioso; - Revista infantil; - E-mails; - Verbetes de enciclopédia digital; - Campanha publicitária digital (áudio e vídeo); - Livros de literatura em meios digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar <i>software</i> de edição para pesquisa, seleção de informações, produção de gráficos e texto digitais diversificados; - Editar ilustrações; - Formatar e diagramar textos diversificados; - Editar texto com ilustração; - Utilizar <i>software</i> (editar e publicar texto); - Ler textos multissemióticos (gráficos). 	<ul style="list-style-type: none"> - Gravador digital; - Computador; - <i>Software</i> de edição; - <i>Tablets</i>; - Câmeras digitais; - <i>Smartphone</i>.
<p>3º ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Livros de literatura em meios digitais; - Notícias, manchetes, lides e corpo de notícias simples; relatórios de observação, pesquisas (tabela, ilustrações, gráficos, resumo de resultados). - Receitas (áudio e vídeo); - Campanha publicitária digital. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar <i>software</i> de edição e pesquisa, selecionar informações em meio digital, gráfico, produzir texto digitais e editar ilustrações; - Ler textos multissemióticos (gráficos); - Editar textos (corte, tabelas, acréscimos, reformulações, ilustrações, diagramas); - Formatar e diagramar (notícias, manchetes, lides e corpo de notícias simples; relatórios de observação, pesquisas, tabela, ilustrações, gráficos, resumo de resultados); - Produzir: receitas (áudio e vídeo) e campanha publicitária (diagramação). 	<ul style="list-style-type: none"> - Gravador digital; - Computador; - <i>Software</i> de edição; - <i>Tablets</i>; - Câmeras digitais; - <i>Smartphone</i>.
<p>4º ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tutoriais em áudio e vídeo; - Verbetes de enciclopédia; - Jornal radiofônico ou televisivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar <i>software</i>: editar publicar, explorando recursos multissemióticos - Editar texto com ilustração, tabelas, diagramas, gráficos Selecionar e compartilhar livros de literatura em meios digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gravador digital; - Computador; - <i>Software</i> de edição; - <i>Tablets</i>; - Câmeras digitais; - <i>Smartphone</i>.

5° ano	<ul style="list-style-type: none"> - Verbetes de dicionário digitais; - Resenhas digitais em áudio e vídeo; - Editar vídeo para <i>vlogs</i>; - Leitura de textos diversificados em meios digitais; - Leitura multissemiótica (ciberpoemas, minicontos) 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar <i>software</i>: editar e publicar, explorando recursos multissemióticos. - Selecionar e compartilhar livros de literatura em meios digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gravador digital; - Computador; - <i>Software</i> de edição; - <i>Tablets</i>; - Câmeras digitais; - <i>Smartphone</i>.
--------	--	---	--

Fonte: elaborado pela autora com base na BNCC.

A elaboração e análise do quadro acima revela que as práticas propostas de uso das TDIC, no componente curricular de Língua Portuguesa nos anos iniciais, vêm relacionadas às Competências Gerais 4 e 5 e, na abordagem do documento, as TDIC são acionadas como um recurso de interação com o cotidiano ou como parte do contexto de vida dos estudantes, ou seja, como meio para a ação no processo de ensino-aprendizagem. Ao retomarmos o texto da BNCC, verificamos que a tecnologia é apresentada como fonte de aprendizagem, desenvolvimento de habilidades técnicas, estímulo da curiosidade e desenvolvimento de trabalho cooperativo e crítico. O que não se pode confundir é o recurso com a metodologia de ensino e o próprio entendimento de uso que é reforçado pela BNCC. O documento esclarece que tanto os recursos quanto as metodologias devem ser guiados por propósitos de aprendizagem, isto é, intencionalidade pedagógica.

No mapeamento realizado, o primeiro critério levantado diz respeito aos novos gêneros digitais que, até então, não faziam parte dos currículos escolares, em sua maioria. É importante observar que os gêneros textuais dizem respeito às práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade, por isso conhecer e sistematizar esses novos gêneros pertencentes à mídia digital contribui para que os estudantes possam ampliar a capacidade de interagir com o meio e saber se comunicar por meio de plataformas multimídia analógicas e digitais, áudio, textos, imagens, gráficos e linguagens verbais, artísticas, científicas, matemáticas, cartográficas, corporais e multimodais de forma adequada. Muitos dos gêneros que aparecem nos Anos Iniciais demandam a utilização de softwares, exigindo, dessa

forma, a prática de leitura e escrita em meios digitais com acompanhamento, mediação e orientação para a leitura do texto com hiperlink, da postagem, compartilhamento, da elaboração de comentários, entre outras ações características da cultura digital.

O segundo critério diz respeito a essas práticas digitais acionadas nos anos iniciais que envolvem os dispositivos móveis e a utilização de recursos tecnológicos para desenhar, desenvolver, publicar, testar e apresentar produtos para demonstrar conhecimento e resolver problemas, visualizar, analisar dados. Envolve a utilização e domínio de ferramentas tecnológicas como, por exemplo, ferramentas de autoria multimídia e de textos, apresentação, ferramentas para web, câmeras digitais para escrita, comunicação e atividades de publicação individuais e colaborativas. Assim, o documento enfatiza a importância do trabalho com metodologias que integrem a tecnologia ao ensino, tornando essa tecnologia meio para o desenvolvimento das aprendizagens.

No que diz respeito ao terceiro critério de análise – a mobilização dos dispositivos digitais nas práticas propostas nos anos iniciais– verificamos a demanda de dispositivos variados, como: computador, software, tablets, câmeras digitais, smartfone, gravador digital. É preciso salientar que os dispositivos elencados não esgotam as possibilidades de trabalho, apenas apontam possibilidades mais recorrentes de uso.

Considerando todos os aspectos levantados, a análise revela que as práticas propostas na BNCC contribuem para a ampliação das capacidades de uso da Língua e das linguagens pelos estudantes. Sendo assim, verificamos que as práticas de leitura dizem respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filme, vídeo *etc.*); assim como ao som (música); todos, em maior ou menor grau, acompanham e cossignificam em muitos gêneros digitais.

Por fim, a proposta de trabalho com a escrita ou a produção de texto aponta para práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, assim como se verifica a ênfase no uso de *softwares* de edição de texto, de imagem e de áudio para editar textos produzidos em várias mídias. Essa frequência no uso desses materiais aponta para a importância do domínio dessas práticas no exercício diário que envolve os diferentes campos de atuação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias digitais estão incorporadas ao ensino como parte integrante de uma cultura digital, não apenas enquanto aparelhos e funções, mas como meios para um desenvolvimento mais ativo e relevante de criação e comunicação na sociedade atual. O uso das TDIC no espaço escolar evidencia a importância de aprender a usar e criar tecnologias para se comunicar, acessar e disseminar informações, exercendo, dessa forma, o protagonismo e a autoria na vida pessoal e coletiva. A BNCC, nessa perspectiva, abre caminhos nessa direção ao propor práticas sociais de leitura e escrita que mobilizam diferentes gêneros digitais, bem como práticas e dispositivos diversos.

Sendo assim, a análise da BNCC aponta que a cultura digital perpassa todo o segmento dos Anos Iniciais do EF, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas discursivas. Além disso, verificamos uma abordagem transversal da cultura digital, bem como das TDIC, a qual articula práticas sociais e os dispositivos de forma contínua, contextualizada e com aumento gradativo da demanda. Ademais, a análise evidenciou a tentativa de um trabalho integrador, considerando aspectos cognitivos, emocionais e tecnológicos ao longo de todos os anos.

Nesse contexto de mudança proposto pela BNCC, a escola precisará oferecer condições para que os estudantes participem como sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem; isso significa, por vezes, mudar a maneira de pensar, agir, ver, escutar e, conseqüentemente, de planejar o fazer educacional. Implica também condições físicas e financeiras, além de disponibilidade de dispositivos digitais e de uma rede *Wi-Fi* para que as atividades propostas sejam desenvolvidas. Essa não é, contudo, a realidade da maioria das escolas brasileiras, as quais sofrem com a ausência de recursos financeiros.

No que diz respeito ao professor, verificamos a necessidade de formação continuada a fim de desenvolver a proposta da BNCC, principalmente quando relacionadas ao uso das TDIC. Nesse sentido, Freire (1997) nos lembra que o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; pois, ao mesmo tempo que ensina, o professor também aprende.

Para finalizar, ressaltamos que esta pesquisa não esgota a temática, acreditamos, contudo, que ela possa contribuir para futuros estudos na área de Língua Portuguesa relacionados ao uso das TDIC na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. (Desafios da Educação).

BARROS, Jessika Matos Paes de. As novas tecnologias e a educação de jovens e adultos. **Conteúdo Jurídico**, nov. 2011. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/26737/as-novas-tecnologias-e-a-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em 22 fev. 2020.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação?** Florianópolis: Autores Associados, 2005.

BNCC na prática. Equipe Educacional da Editora. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 15 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/Secretaria de Educação, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 7/2013, aprovado em 14 de março de 2013**– Solicitação de alteração da redação do art. 31 da Resolução CNE/CEB nº 7/2010, que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=12953&Itemid=. Acesso em 10 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2010, aprovado em 7 de julho de 2010**– Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6324&Itemid=. Acesso em 10 jan. 2020.

BRONCKART, Jean-Paul. Quadro e questionamento epistemológicos. *In*: _____. **Atividade de Linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha. São Paulo: Educ., 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

CONTIN, Ailton Alex. **Educação e tecnologias**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2016.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, **Scientiae Studia**, São Paulo, v.2, n.4, 493-518. p. 2004.

FIALHO, Isabel. O papel da avaliação na excelência educativa. **Pátio ensino fundamental**, v. XXI, n. 88, p. 10-13, nov. 2018/ jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo; PAPERT, Seymour. **Diálogos impertinentes: o futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996.

GALIAN, Cláudia Valentina A.; ALAVARSE, Ocimar Munhoz. Currículo, avaliação e excelência no contexto da BNCC. **Pátio ensino fundamental**, v. XXI, n. 88, p. 14-17, nov. 2018/ jan. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. Educação tecnológica. *In*: GRINSPUN, Mirian P. S.Z. (org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2003

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008. 204 p.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katalysis**, v. 10, p. 35-45, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, Vozes 2004.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2018.

PEREZ, Tereza (Org.). **BNCC: Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica**. São Paulo: Moderna, 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro, Contraponto: 2005.

PRENSKY, Marc. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2012. 375 p.

ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou. **Escolas criativas**: a revolução que está transformando a educação. Porto Alegre: Penso, 2019.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. (Linguagens e Tecnologia, 7)

RÜDGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Helena R. Rojo e G. S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SIBILA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VARGAS, Milton. Prefácio. *In*: GRISPUN, Mirian P.S.Z. (Org.). **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; SILVA, Dirceu da; MIRANDA, Nonato Assis de; SIMON, Fernanda Oliveira. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**, n. 7, 2008, p. 60-85. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/266374098_Tecnologia_Buscando_uma_definicao_para_o_conceito_Technology_Looking_for_a_definition_for_the_concept. Acesso em: 9 out. 2019.

WIPO. World Intellectual Property Organization. **Global Innovation Index 2015**: Switzerland, UK, Sweden, Netherlands, USA are Leaders. London, United Kingdom, September 17, 2015. Disponível em https://www.wipo.int/pressroom/en/articles/2015/article_0010.html. Acesso em: 20 jan. 2020.